

Inclusão celular

O que é mais importante, investir na democratização do uso ou dos benefícios oferecidos pelas tecnologias da informação? Hoje, o foco está no uso, principalmente do computador. A idéia é conseguir que o maior número de pessoas saibam usar um PC, preferivelmente conectado à internet. É o modelo Intel/Microsoft, inspirado na brilhante dobradinha, que tem pautado a popularização do computador desde os anos 80. Em casa, no trabalho ou em pontos de acesso coletivo, como escolas, cafés e nos emblemáticos telecentros, o modelo é o de um usuário por máquina, o que torna a sua difusão cara e complexa. Esse tipo de iniciativa tem de continuar, com certeza, mas será que é esse o modelo no qual devemos concentrar nossos mais significativos projetos e esforços de inclusão digital?

Não, é a minha resposta, mesmo com a promessa do software livre. Há outras formas de promoção da inclusão digital, inclusive mais simples, que podem trazer à sociedade benefícios muito mais impactantes.

Sempre defendi investimentos em três vertentes: incentivos à digitalização da pequena empresa, informática no colégio e, principalmente, a digitalização urgente da máquina pública. Fortalecidas, as MPEs, base da sociedade, obtêm ganhos de gestão, melhores negócios e mais caixa para contratação e inclusão digital de recursos humanos.

Alimentando essa corrente estão as escolas, nas quais é sempre recomendável priorizar de cima para baixo, atendendo aqueles mais próximos do mercado de trabalho. Fechando o circuito, digitalizar o governo é, sem dúvida, a principal frente, não apenas por meio de serviços on-line, mas, principalmente, equipando o funcionário público, permitindo que

ele seja mais eficiente e produtivo, para agilizar as tramitações, acabar com as filas e oferecer um atendimento, de balcão, nas repartições, muito mais digno do que se observa atualmente. Quantos milhões de brasileiros dependem do serviço público para as questões mais fundamentais? Funcionando melhor, incluiriam digitalmente, não pelo uso, mas pelos benefícios, uma porcentagem enorme das camadas mais carentes da população.

Aos três, deve ser somado, com urgência, um outro vetor, o da inclusão celular. Recente estudo do Banco Mundial elegeu a telefonia móvel como a tecnologia de maior relevância e poder de transformação da atualidade, por seu baixo custo, simplicidade e aplicabilidade generalizada. É só pensarmos como o celular vem revolucionando as nossas vidas.

Mas onde estão as políticas de incentivo à inclusão celular? Pelo contrário, os impostos incidentes, hoje na casa dos 50%, encarecem e limitam o seu uso. Com menos tributação, mais baratos, os celulares poderão ser utilizados mais e por muito mais gente, dinamizando toda a economia e as relações de mercado em todos os níveis. Segundo fórmula apresentada pelo próprio Banco Mundial, se promovermos, no Brasil, um salto das cerca de 70 milhões de linhas para a casa dos cem milhões de usuários, em apenas três anos produziremos um crescimento de até 4% no Produto Interno Bruto do País.

Em matéria de inclusão digital, é preciso que a inclusão celular se torne, talvez, a verdadeira prioridade nacional. **B2B**

